



O ENTERRO DE UMA VIRGEM.

I.

Era no mez do Julho...

As campinas do céo estavam illuminadas por milhares de fulgurantes estrellas que, sem querer, fazia-me extasiar ante a magestosa obra do Creador.

Jupiter, o maior planeta do universo, esse outro mundo perdido na immensidade, brilhava com tanto esplendor como se fosse Venus.

O Cruzeiro do Sul com o lado superior meio inclinado da parte do norte, fazia¹ refulgir a luz das suas quatro estrellas; mostrando a sua ineffavel belleza e fazendo-me recordar do augusto supplicio do Christo.

A via lactea cortando de sul a norte, desenhava o seu longo sendal esplendente de luz esbranquiçada, a qual conta a fabula — ser proveniente de uma gotta de leite que Juno deixou cahir no céo em occasião que amamentava Hercules; mas que, na verdade, não passa do ajuntamento de myriadas de pèquenas estrellas.

Marte, esse planeta a quem os homens da sciencia cosmographica já tem descoberto, com apurados telescopios e profundos estudos, os seus elementos, que são eguaes aos da Terra, e, portanto, mui provavel habitado por sêres, brilhava com a sua luz sanguinea, do lado do oriente.

Só faltava o planeta Venus n'essa immensidade para brilhar com a sua

poetica luz no meio d'esses tantos sóes; mas n'essa occasião achava-se reverberando no outro hemispherio.

Fazia gosto, pois, de admirar-se as campinas do céu, riquissimas de rutilantes constellações proprias de um paiz tropical.

II.

E uma noite tão bella assim, estava marcada para o enterro de uma linda virgem de quinze annos!

Quando o relógio apontasse meia noite, o prestigio funebre seguiria para a necropole sob a luz sideral das estrellas e a luz sinistra dos cyrios mortuarios!...

Não passava da lembrança de uma alma poetica de pae,

III.

Maria da Soledade, chamava-se a virgem. Foi um lyrio que não havia ainda bem desabrochado e já fanava a hastea tombando para a terra o mirrado calix que, apezar de precoce, tinha deixado exhalar o seu suavissimo perfume!

Todos que haviam conhecido Maria da Soledade, eram unisonos em dizer, que jámais conheceram virgem de uma bondade, caridade e intelligencia tão admiraveis.

Portanto, como não lamentariam o seu passamento?

IV.

E os paes de Mariada Soledade, como não estariam inconsolaveis da morte d'essa unica filha!...

E, no entretanto, cousa admiravel, estavam summamente resignados! Porque seria?

É que de ha muito, pela notavel indole de Maria da Soledade, e pela sua incommensuravel presciencia de que não chegaria á idade de dezeses annos, foram-se acostumando com a idéa da morte da filha.

Maria da Soledade, sempre repetia á seus paes:

- Minh'alma adivinha que logo tenho de os deixar n'este mundo.
- Qual, Maria, diziam os paes, isto são creancices de espirito fraco...
- Não são creancices de espirito fraco, atalhava a virgem com pro-

funda convicção; é uma voz mysteriosa que brada-me no interior — que hei de os deixar em o menor espaço de tempo.

— Mas, porque, Maria? perguntavam os paes admirados da convicção de suas palavras.

— Não posso explicar a força d'essa voz desconhecida que me faz acreditar n'essas palavras fatidicas; mas o que lhes digo, é que este acontecimento ha de se realizar antes de eu ter completado dezeseis annos.

— Ah! Maria! não possuis bastante amor á teus paes, replicava a sua boa mãe com voz triste, por isso é que tendes essa vontade de os deixar tão cedo.

— Oh! não! dizia Maria da Soledade, soluçando, o meu amor é immenso; e a minha unica vontade era de não os deixar jámais!... Mas o destino assim o quer! Consolemo-nos, tendo antes a morte como uma apartação momentanea e não como separação eterna.

Este dialogo, pouco mais ou menos, era repetido sem cessar entre Maria da Soledade e os seus queridos paes.

Até que, finalmente, já olhavam a morte de sua adorada filha como acontecimento já previsto.

Assim, quando a morte roçou com a ponta de suas negras azas essa linda virgem, já os seus paes estavam de antemão resignados.

V.

Era proveniente a morte de Maria da Soledade, de ter passado dois dias e duas noites inteiras á cabeceira de uma pobre velhinha atacada de typho; e que convalescia, graças aos cuidados d'essa que agora era victima de sua caridade e bondade!

E ainda na vespera do seu passamento recommendou á seus paes a desvalida velhinha.

Assim como esse acto de caridade, outros semelhantes haviam se realizados.

Tão bella alma era para morar não na terra, mas sim em uma esphera mais elevada.

Assim pensavam os seus estremecidos paes; e tambem por já não encararem a morte senão como um somno em que se vai despertar, contente d'além-tumulo.

Bem dita crença!...

Os ponteiros marcavam meia noite, quando o prestito funebre de Maria da Soledade sahia da casa de seus paes.

Mais de cem virgens com os seus vestidos côr de neve, alinhavam-se adiante do caixão, levando os cyrios mortuarios que davam um clarão amarelento e tetrico.

No couce do caixão, iam dois violinistas e um harpista tocando com tanto sentimento, barcarollas de Rossini, Meyerbeer e Bellini, que, sem querer, fazia-me arrebatado para essas regiões ignotas em que rutilavam esses milhares de astros noctivagos !...

Fechava o prestito para cima de duzentos convidados empunhando tochas que coavam funerea luz.

Carregavam as argolas do caixão da bella virgem, do lado da cabeça os seus amorosos paes, e da parte dos pés a sua madrinha e padrinho de baptismo.

Lembranças de paes extremosos...

VI.

Quando esse solemne cortejo entrou na cidade dos mortos, o clarão amarelento d'essa immensidade de cyrios fez destacar os alvos tumulos, como si fossem centenares de phantasmas que viessem fazer honras ao novo habitante, que vinha em horas tão mortas pedir descanso da lazeira do mundo.

Os cyprestes e as camarinas susurravam tão dôce como se fossem cordas eolicas que vibrassem em contentamento do seu novo morador.

Os violinos e a harpa desferiam em surdina um melancolico *adagio em lá menor*, que mais exaltava a phantasia dando uns tons sobrenaturaes n'esse funereo quadro.

VII.

O caixão acha-se depositado na beira d'essa tetrica e terrivel sepultura; que é o mêdo de unse descanso de outros; e que não passa de uma especie de chrysalida em que a creatura tem de deixar a sua primeira phase para tomar uma segunda mais pura.

Agora podemos vêr e admirar essa virgem Maria da Soledade porque o caixão em que repousa acha-se destampado.

Ah! como parece uma santa collocada em seu nicho emmoldurado de fragrantas flôres!

Como as linhas de seu perfil são puras!

O seu lindo rosto oval parece que foi esculpido em o mais puro marmore por inspirado sculptor!

Fronte alta e polida; nariz de pura raça circassiana; bocca delicada e ainda semiaberta como se fosse desprender um celestial sorriso; palpebras franjadas de longos cilios cerravam bellos olhos que jámais se abriam para a terra!

E as madeixas de seus pretos e annelados cabellos beijando com terna caricia suas niveas e delicadas faces, encarcollavam-se pelo collo abaixo como se fossem tiras de um longo véo de crepe que cobrisse o seu mimoso busto.

Tanta magia assim para ir sepultar-se em um tumulo!

Era para desesperar e estalar de dôr o coração que não tivesse crenças da futura vida.

Os paes de Maria da Soledade achavam-se resignados com a terrivel apartação, pela admiravel fé que os robustecia d'essa outra vida em que se vai reatar os élos arrebetados da cadeia da vida.

VIII.

Na occasião em que o corpo da adoravel virgem ia desaparecer da terra, um joven de sympathica physionomia se approximou do caixão, e, com voz melancolica, recitou uma tocante e inspirada canção.

Oh! é impossivel descrever-se as sensações d'essa multidão, quando os violinos e a harpa acompanharam em surdina a poesia do joven poeta! Os corações arfavam oppressos por sentimentos tão doloridos!.... E as lagrimas corriam tão silenciosas por esses rostos tintos da luz funebre dos cyrios!.....

E a brisa passando pela ramagem dos cyprestes e camarinas, soltava tão tristes gemidos que iam eccoar além!.....

Tudo ahi era solemne!

IX.

Depois de um ultimo beijo de despedida orvalhado de lagrimas que os paes e os padrinhos deram na marmorea fronte da virgem, a lua com as suas tres partes roidas, acabava de apparecer no horizonte como querendo tambem concorrer para dar o osculo de despedida n'essa adoravel creatura, que ia desaparecer da face da terra.....

N'essa solemne occasião que o corpo de Maria da Soledade ia baixar ao tumulo, os violinos e a harpa começaram a tocar, sempre em surdina, esse magestoso *Miserere do Trovador*.....

X.

E ao clarão amarelento dos cyrios desapparecia para sempre da terra o corpo d'essa bella virgem!....

E os arcos ferindo as cordas dos violinos faziam-n'as gemer, com profundo sentimento, essa sublime musica de Verdi.

Era grandioso o quadro!

CONCLUSÃO.

Passados dez minutos sahiam os convidados ainda com os olhos orvalhados de lagrimas (sem excepção de um só!) da mansão dos finados.

E a lua com a sua terça parte carcomida, atravessava o espaço envolvida em seu manto estrellado; mandando os seus pallidos beijos á sepultura recém-fechada de Maria da Soledade!.....

ERNESTO CASTRO.

